

A GEOGRAFIA POLÍTICA E CULTURAL NO CONTEXTO DE UMA SOCIEDADE GLOBAL: PARA ALÉM DE UM BAILE DE MÁSCARAS.¹

Márcio Mendes Rocha

Professor do Departamento de Geografia e do Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Maringá e Coordenador do Núcleo de Estudos de Mobilidade e Mobilização-NEMO. E-mail: mmrocha@uem.br

RESUMO: O objetivo deste artigo é discutir de forma crítica a importância do vínculo entre cultura e política para uma reflexão no âmbito da geografia cultural. Para tanto enfatizamos as condições históricas, concretas para a determinação do desenvolvimento da cultura na sociedade. As observações sobre geografia política e cultural serão tratadas a partir de três pontos, quais sejam: a ênfase no processo de apropriação da natureza pelo homem; a questão da política pela ação do Estado e em terceiro lugar, a idéias de tradição/modernidade e a formação do espaço simbólico. O contexto no qual se desenvolve a espacialidade da cultura é delineado neste trabalho a partir da mercantilização da cultura no capitalismo. Também caminhamos pela dimensão da existência humana, da complexidade das relações, quando os indivíduos, os agentes sociais constroem os roteiros, os percursos de uma existência.

Palavras-chave: Geografia Política e Cultural; Globalização; Sociedade de Consumo

THE POLITICAL AND CULTURAL GEOGRAPHY IN THE CONTEXT OF A GLOBAL SOCIETY: FORWARD A BALL MASKS

ABSTRACT: The aim of this paper is to critically discuss the importance of the link between culture and politics to a reflection in the cultural geography. To emphasize both the historical, concrete for determining the development of culture in society. The comments on political and cultural geography will be addressed from three points, namely: the emphasis on the process of appropriation of nature by man, the question of political action by the State and thirdly, the ideas of tradition and modernity and the formation the symbolic space. The context in which they developed the spatiality of culture is outlined in this work from the commercialization of culture under capitalism. Also walking the dimension of human existence, the complexity of relationships, where individuals, social agents construct the circuits, the paths of an existence.

Key Words: Cultural and Political Geography; Globalization; Consumer Society

¹ Este trabalho é originário de uma palestra proferida na Universidade Estadual de Maringá em 2010.

A GEOGRAFIA POLÍTICA E CULTURAL NO CONTEXTO DE UMA SOCIEDADE GLOBAL

A metáfora de um baile de máscara para estabelecer os limites de uma geografia cultural descolada das condições objetivas de sua reprodução aparece para mim na Conferência Internacional “Aspectos culturales em las geografías economicas, sociales y políticas” em Buenos Aires no ano de 2007, quando da conferência do prof. Neil Smith. Entendi de sua fala que no baile de máscara personagens e não indivíduos se relacionam, portanto as pessoas concretas, suas condições históricas na reprodução social de suas relações estão efetivamente diluídas. Homens históricos com suas concepções de mundo e suas ações na sociedade, reproduzindo relações, relações estas aglutinando outros indivíduos e pelo seu repertório cultural construindo empoderamento social. Senti em sua fala uma crítica sutil aos discursos descolados da concretude dos processos, formalistas na construção de conceitos e esvaziados de nexos sociais na produção do conhecimento. Se não forem sinalizados na investigação sobre a cultura e especificamente sobre a geografia cultural, tenderemos a estabelecer apenas uma reflexão do pensamento, ensimesmado e cindido do real social.

A cultura enquanto uma categoria de análise só existe a partir das relações sociais, e quando falamos de relações sociais falamos de relações de poder. Daí a indissociabilidade entre cultura e política. Um ponto a ser considerado quando se discute a relação da cultura e do político, são as políticas culturais. A perspectiva de estabelecer relações mediadas pelo estado, construídas e delineadas a partir de ações do estado. É muito importante esta dimensão. E a pergunta que se faz é: que direitos entendemos como legítimos para uma sociedade democrática? Os mais legítimos estão apresentados, como segue: a) direito de acesso e fruição dos bens culturais por meio dos serviços públicos de cultura. Este acesso deve ser pleno e eficiente (bibliotecas, arquivos, históricos, escolas de artes oficinas seminários, cursos...), enfim, há que se ter um volume de ações que construa um processo de participação consistente e efetiva na produção da cultura de uma dada sociedade. b) direito à criação cultural e ao processo criativo, percebendo a cultura como uma ação produtiva, ligada a uma perspectiva de trabalho criativo e imaginativo para a criação das obras de arte e também como um trabalho de inteligência e reflexão na criação das obras do pensamento. c) resgate da memória cultural. Para se construir

este ambiente para operacionalizar estas ações, com políticas públicas consistentes, é muito importante que o sujeito cultural se reconheça no processo. Para tanto, é necessário que exista uma articulação no próprio território, com a construção de espaços dialógicos, de interação para discussões e trocas de experiências e apropriação de conhecimento artísticos e técnicos para assegurar esta autonomia e a construção crítica deste sujeito que produz. No âmbito da gestão pública, esta deve apresentar uma essência democrática, com direito à participação dos agentes produtores de cultura, nas decisões públicas sobre a cultura a partir de fóruns, conselhos, enfim, instâncias que construam relações democráticas dentro da comunidade operando no sentido de estabelecer qual tipo de ação cultural responde aos interesses da sociedade. Neste sentido um conceito importante a ser considerado é a construção da *cidadania cultural*, que tem como foco a desmontagem crítica do que Marilena Chauí denomina de mitologia e ideologia da cultura, entendendo a cultura como um direito, aonde esta tomada subjetiva deste direito como uma ação política, perpassa pelo movimento social, pelas relações sociais democráticas e democratizadas. Para se tornar a cultura como um direito, Marilena Chauí escreve que é necessário

... criar condições para tornar visível a diferença entre carência, privilégio e direito, a dissimulação das formas da violência, a manipulação efetuada pela *mass mídia* e o paternalismo populista; foi a possibilidade de tornar visível um novo sujeito social e político que se reconheça como sujeito cultural (CHAUÍ, 1995, p. 84).

O exame destas duas dimensões percorre as sociedades complexas considerando sua gênese como pressuposto histórico para a sua compreensão, buscando as condições de sua reprodução nos dias de hoje.

Vamos contextualizar estas observações sobre Geografia Política e Cultural, partindo da noção de sociedade global. Podemos dividir essas considerações em três pontos: uma introdução que vai trabalhar com o processo de apropriação da natureza pelo homem como a gênese de um processo de criação de conhecimento que vai dar o subsídio, o arranque inicial, para a consolidação da cultura na sociedade; em seguida vamos discutir a questão da política pela ação do Estado e da relação entre cultura, ideologia e a reprodução do ser cultural, como um desdobramento importante que vai relacionar a cultura com a política. A questão da cultura e

política estará ligada à ideologia e a discussão sobre *indústria cultural* e a contextualização de todo esse processo no sistema produtivo, no modo de produção capitalista; em um terceiro momento vamos trabalhar com a idéia de tradição/modernidade e a formação do espaço simbólico (BOURDIEU, 1992), que é um conceito importante porque trabalha/vincula a tradição como dimensão de perenidade e a modernidade como dimensão de descartabilidade. A tradição é alguma coisa que a sociedade se organiza e tem uma dimensão de perenidade. Temos então 3 eixos que estão mais ou menos abertos, e tentaremos aqui estabelecer o grau de inter relacionamento entre eles, quais sejam: a dimensão da crise da modernidade/espiritualidade; A questão dos intelectuais, como fica a função dos intelectuais na organização da cultura, considerando o pensamento de Gramsci (1985), e em terceiro a Geografia do poder de classes, sinalizando um pouco sobre a discussão que David Harvey (2006) nos legou.

Então, o primeiro ponto a ser tratado sobre a apropriação da natureza pelo homem, é a essência fundante de toda a evolução e organização da sociedade e estará vinculada a dimensão importante que é a de “necessidade”, o homem no seu processo de sobrevivência tem necessidades, e essas necessidades do homem são supridas num processo de produção do espaço e de apropriação da natureza pelo homem – que se dá em várias instâncias. Marx apontou este desdobramento do capitalismo a mais de um século explicando como se engendra as relações de produção e consumo no modo de produção capitalista. A reprodução ampliada do capital leva à competitividade e inovação como premissa para o crescimento e para que isto ocorra o consumidor deve buscar o consumo a partir de suas necessidades.

O capital tem uma característica profundamente expansionista, como já apontava Marx e a globalização contemporânea a comprova. Para a ampliação de seus níveis de produção e acumulação é preciso tomar novos mercados, construir novos consumidores e passar a produzir o excedente necessário, isto é, levar o capitalismo e sua forma de organização social para todas as sociedades e espaços. Para tanto, o sistema sempre precisa de mais matérias-primas, construir novas práticas de consumo, reinventar cotidianamente novas necessidades e converter as diversas culturas em adeptas da cultura do consumo. O custo disso é global e evidente. Portanto, por trás da emergência da questão ambiental, da etapa contemporânea das interfaces homem/natureza reside o modo de produção capitalista, uma etapa radical e destrutiva da relação entre humanidade e os demais seres vivos. Neste sentido, de uma suposta catástrofe que se aproxima e, principalmente, da necessidade de se repensar as formas de produção e as

relações antropocêntricas da dinâmica social com o meio-ambiente, Marx irrompe em toda a sua atualidade. (SANTOS, 2008, p. 98).

Em um primeiro momento ele vai consolidar as necessidades básicas, quais são: vestuário, alimentação, abrigo, etc. Para suprir essas necessidades, o homem utiliza um predicado fundamental que ele têm em relação aos animais, que é a sua inteligência, a sua razão, o seu raciocínio, sua capacidade de raciocinar, e em raciocinando, modelar, projetar a realidade, criar projeções abstratas da realidade, dimensões criadas da mente do homem a partir de experiências, onde ele vai experimentando ações e vai incorporando para o seu conhecimento, utilizando isso de forma racional, ou seja, simulando abstratamente a realidade. Essa simulação abstrata na realidade propiciou ao homem a possibilidade de modelar a realidade, de dimensionar a realidade antes de sua execução. O começo desse processo todo se inicia a partir de observações. Esse processo, essa capacidade, esse predicado que o homem tem, possui um salto qualitativo fundamental que é o *domínio da linguagem*, porque a linguagem é a possibilidade concreta de reproduzir as formas do conhecimento que o homem adquiriu, porque é na linguagem que ele consegue explicar e descrever os processos sociais e naturais. Ele descreve os processos necessários para sua sobrevivência. Esse conhecimento do homem apresenta um outro salto qualitativo evolui da linguagem oral para a linguagem escrita.

Neste momento ele começa a construir a história e vive um processo de crescente acumulação de conhecimentos, um movimento cumulativo de compreensão acerca da realidade, do mundo das coisas, que propiciou mais abstrações, mais criação de leis universais, de leis explicativas acerca dos fenômenos da natureza, buscando o seu controle. Controlar a natureza para os interesses do homem e da sociedade. É nesse momento que realmente o homem começa a construir a cultura. Cultura como um repertório de informações e de necessidades. E quando falamos necessidades, não estará relacionado apenas com as necessidades básicas, porque o homem cria necessidades, o homem em seu processo de evolução cria necessidades, portanto, a transformação da natureza pelo homem, transforma o homem, em uma dialética constante. O homem de neandertal ou o homem das cavernas é diferente do homem da idade média, que é diferente do homem moderno, pós-moderno e assim por diante. Esse processo de evolução levou o homem a construção de novas necessidades, novas demandas. Isso vai explicar o processo de

evolução da humanidade. Neste momento podemos avaliar: que evolução é essa? Até que ponto isso é evolução? Chegar até onde nós chegamos hoje, com os problemas que nós sabemos que existe, com as crises de desequilíbrio ecológico, a crise de sustentabilidade, a destruição do ecossistema. Uma série de desdobramentos que a opção e a matriz de desenvolvimento que o homem constrói nos impõe restrições. Vivemos um momento na história da humanidade, onde as questões da sustentabilidade, ou a opção de uma outra sociedade, de uma sociedade que se reproduza não mais a luz desse produtivismo, dessas relações de produção em escala, se impõe. Um desenvolvimento que parta de outras premissas, que tenha como pressuposto a manutenção e a preservação do meio ambiente, fundamentalmente a distribuição de renda de forma equitativa entre a sociedade. Isso é um problema, é um fardo que as sociedades mundiais vivem e tem nas costas e nós temos que dar uma resposta para isso, não sei quando. Vivemos um limite em relação a esse processo. Então, essas necessidades levaram a um processo de evolução, mas temos que ter uma avaliação crítica dessa evolução, do que é efetivamente essa evolução que o homem se propôs a levar a cabo, a levar a frente.

É justamente nessa dimensão cumulativa do processo do conhecimento que está o vínculo da questão cultural e conseqüentemente da Geografia Cultural. Nós não podemos prescindir da nossa análise as premissas históricas do desenvolvimento da sociedade. Para entender todo esse processo evolutivo temos que entender como a sociedade se organizou, considerando que esta organização da sociedade apresenta uma dimensão política. A organização da sociedade passou por formas de gestão do poder. Os reis, os príncipes, os monarcas, os presidentes – são formas e estratégias organizativas de poder. Temos dentro das formas de organização: a força pelos impérios, pelo imperialismo; a dimensão da utopia do socialismo, o socialismo como pressuposto de uma sociedade que até então nós não atingimos, uma sociedade sem classes sociais. E também a democracia. A perspectiva da democracia como uma ação aonde se estabelece uma gestão da sociedade legitimando as decisões a partir de referências majoritárias, maiorias simples, maiorias absolutas, etc. Além do autoritarismo pelo imperialismo e pela ultra-direita, como o fascismo e com outras ações, que é o poder coercitivo do estado. Tudo isso faz parte da organização, das formas de gestão da sociedade, da organização política da sociedade. Quando analisamos todo o processo evolutivo da sociedade, percebemos que o perfil e a perspectiva da ciência e da tecnologia são premissas fundamentais para o homem atingir o que

atingiu hoje. A tecnologia como forma de aplicabilidade daquilo que se sabe, daquilo que se conhece, daquilo que se conquista com o conhecimento. E a ciência de uma perspectiva mais ampla, na compreensão dos fenômenos da natureza nas suas várias instâncias, nos seus vários departamentos, no que podemos denominar de divisão científica do trabalho. É toda esta estrutura complexa que se instala da sociedade contemporânea. Mas não é só disso que vive o homem, o homem necessita de outras coisas, como a arte, o lazer, o esporte, e outras tantas ações humanas que trazem felicidade para a sua vida, que são necessidades efetivas do homem. As brincadeiras, o esporte, a competição do esporte, a ética do esporte, com uma série de desdobramentos interessantes em várias dessas ações. Então, quando avaliamos a evolução histórica das sociedades, das comunidades, quando ocorre a fusão das comunidades, quando você percebe claramente que todo o processo histórico de desenvolvimento da humanidade não se deu de forma homogênea, com tempos diferenciados, com culturas diferenciadas, em função de territórios diferenciados, percebemos que vivemos todo o processo evolutivo das sociedades humanas a partir de um *grande mosaico cultural*, em que temos circunscrito nos grupos, nas comunidades, denominadores comuns em relação a valores, juízos acerca do mundo das coisas, a cerca do comportamento das pessoas, considerando a dimensão ética, e moral. Ações estas em que o homem se organiza de formas diferenciadas nos diversos territórios, nos diversos espaços. Todo esse processo na evolução da sociedade se deu pela organização e consolidação dos Estados Nacionais. Quando ocorre a transição do período medieval, quando vemos ocorrer a otimização do processo de produção e comercialização, e na comercialização a transição para o processo de produção em escala, com a organização do trabalho. A partir das corporações de ofício, observamos um avanço muito intenso da organização da sociedade, que vai culminar com a revolução industrial e com o industrialismo, com a produção em escala e com a organização de uma sociedade industrial. E esse processo todo se reproduz em uma perspectiva global, sempre na busca dos novos mercados, na busca da circulação das mercadorias, porque esse é o grande objetivo que o sistema produtivo nascente apresenta, que era a ampliação dos seus mercados. Primeiramente a essência do sistema produtivo era comercial e depois produtivo industrial, com a ampliação do valor agregado das mercadorias, com o uso intensivo de tecnologia, e isso permeia em toda a organização da sociedade, toda a sociedade vai, cada vez, mais estar trabalhando sob essa égide do industrialismo, das grandes corporações.

Cabe pontuar neste momento, a partir dos ensinamentos de Karl Polanyi (1980), os limites desse paradigma ou desse perfil de produção e de comportamento social a partir das premissas do industrialismo, do consumismo e da mercantilização das relações humanas. Temos uma série de críticas sobre os limites que tudo isso traz para a essência do homem, da felicidade essencial do homem, do produtivismo, da prática exacerbada de um trabalho cada vez mais impositivo, numa relação de competitividade, numa relação de mesquinhez, rompendo de certa forma com a possibilidade de estar enaltecendo valores fundantes e fundamentais para o homem que é a cooperação, o amor, o afeto. O homem se torna coadjuvante de um processo em que sua subjetividade é mediada por interesses corporativos orquestrados com o fito de auferir lucro, objetivo primeiro. De muito tempo isso aparece no capitalismo, e na década de 50 com a contracultura estas questões já apreciam.

Para o consumidor, não há nada mais a classificar que não tenha sido antecipado no esquematismo da produção. A arte sem sonho destinada ao povo realiza aquele idealismo sonhador que ia longe demais para o idealismo crítico. Tudo vem da consciência, em Malebranche e Berkeley da consciência de Deus; na arte para as massas, da consciência terrena das equipes de produção. Não somente os tipos das canções de sucesso, os astros, as novelas ressurgem ciclicamente como invariantes fixos, mas o conteúdo específico do espetáculo é ele próprio derivado deles e só varia na aparência. Os detalhes tornam-se fungíveis. A breve sequência de intervalos, fácil de memorizar, como mostrou a canção de sucesso; o fracasso temporário do herói, que ele sabe suportar como *good sport* que é; a boa palmada que a namorada recebe da mão forte do astro; sua rude reserva em face da herdeira mimada são, como todos os detalhes, clichés prontos para serem empregados arbitrariamente aqui e ali e completamente definidos pela finalidade que lhes cabe no esquema. Confirmá-lo, compondo-o, eis aí sua razão de ser. Desde o começo do filme já se sabe como ele termina. (ADORNO & HORKHEIMER, 2013, p. 59)

A acriticidade estabelece um universo relacional envolvente onde o sistema dita o comportamento e as atitudes são balizadas por um universo estético/midiático autoritário, discriminador e envolvente.

Nas condições nas quais se reproduz a sociedade existe uma avaliação crítica que nos leva a um entendimento onde todo esse processo de organização da sociedade, a partir das premissas do mercado e das relações mercantis, encampa também a mercantilização da cultura.

Assim, o sistema defronta tanto o conhecimento e as artes que produzimos como nossos próprios sentidos. Lukács apresenta aí (no livro história e consciência de classes) uma exposição do caráter sistêmico da lógica do capitalismo, um processo que separa, compartimentaliza, especializa e dispersa, uma força que opera sobre todas as coisas e torna a heterogeneidade homogênea e padronizada. É claro que a cultura, enquanto organização dos significados e valores de um determinado grupo social, uma materialização da experiência do vivido, é marcada por esse processo de reificação que ela a um só tempo incorpora, reforça e para alguns supera. Com *história e consciência de classe* está aberta a rota para uma crítica da cultura que, além de fazer o usual, o comentário e a avaliação das grandes obras, expande-se para constituir uma fenomenologia da vida cotidiana sob o capitalismo. É a partir daí que passa a diagnosticar os problemas dessa forma de vida com o projeto claro de contribuir para mudá-la (CEVASCO, 2010. P. 138).

A cultura entra profundamente na vida do capitalismo, ela entra como uma mercadoria, aí temos que considerar a questão da indústria cultural. Considerando a abordagem da escola de Frankfurt, a indústria da cultura proporciona um certo relaxamento dos usuários, isento de demandas e esforços, portanto de forma passiva, vindo como distração dos usuários, relacionadas com as pressões básicas que incidem em suas vidas. Os produtos da indústria cultural reproduzem, e reforçam a estrutura do mundo de que as pessoas procuram se evadir, fortalecendo a convicção das pessoas de que os fatores negativos que incidem na vida, no cotidiano são devidos à causas naturais ou ao acaso, não construindo uma perspectiva e criticidade para aqueles que consomem os produtos culturais. Adorno escreve que a indústria cultural produz um “cimento social”. A Escola de Frankfurt investigou a natureza de uma série de fenômenos culturais. Nestes estudos mostrou como a maioria das atividades de lazer são dirigidas e controladas, considerando a esfera da produção e do consumo e interfere de forma importante na socialização dos indivíduos. Forças impessoais (*mass mídia*), controlam não apenas as crenças dos indivíduos como também os seus impulsos.

Mesmo quando a indústria cultural ainda convida a uma identificação ingênua, esta se vê imediatamente desmentida. Ninguém pode mais se perder de si mesmo. Outrora, o espectador via no filme, no casamento representado no filme o seu próprio casamento. Agora os felizardos exibidos na tela são exemplares pertencendo ao mesmo gênero a que pertence cada pessoa do público, mas esta igualdade implica a separação insuperável dos elementos humanos. A

semelhança perfeita é a diferença absoluta. A identidade do gênero proíbe a dos casos. A indústria cultural realizou maldosamente o homem como ser genérico. Cada um é tão-somente aquilo mediante o que pode substituir todos os outros: ele é fungível, um mero exemplar. Ele próprio, enquanto indivíduo, é o absolutamente substituível, o puro nada, e é isso mesmo que ele vem a perceber quando perde com o tempo a semelhança (Adorno & Horkheimer, 2013, p. 69).

A importância da cultura enquanto reprodução de comportamentos, porque é na cultura que você cria os valores e necessidades. Os valores vinculados às necessidades. O homem todo o tempo, na sua gênese, na sua evolução, sempre teve a questão das necessidades como alguma coisa que ele reproduz em toda a sua evolução e vai criando essas necessidades. Necessidades bélicas, de controle do território, de expansão territorial, de riqueza e assim por diante. E o capitalismo mercantiliza essas necessidades de forma radical, tudo isso vira uma grande mercadoria, e quando tudo isso vira uma mercadoria, o que acontece com as ideologias, o que acontece com a mídia, ela se porta, se coloca numa posição privilegiada para manutenção das relações que esse sistema impõe. Está aí, por exemplo, a copa do mundo de futebol, todo esse complexo de relações que se estabelecem entre as grandes corporações, tudo orquestrado, girando muito dinheiro, um nacionalismo como uma premissa, como um ponto de oxigenação de toda essa euforia que se cria por conta desse mito que é o futebol, uma fórmula, que no Brasil foi fantástica, desde o período ditatorial na década de 1960. Há que se ter uma avaliação crítica desse rito, desse processo, de como ele engendra todas essas complexas relações com as corporações, com o sistema, com o Estado. Nesse exemplo consegue-se estabelecer uma relação entre a questão cultural e a questão política. A essência da palavra política é a relação de poder, e esse poder organizado se dá na sociedade, mas aonde? A partir do Estado Nacional, que ainda é a célula reprodutora das relações entre as comunidades. O Estado Nacional e as suas sub-organizações no mundo inteiro é assim, todas as sociedades hoje estão organizadas dentro de Estados Nacionais, das várias modalidades, presidencialismo, parlamentarismo e outras tantas formas diferentes, mas todas com regras, com a consolidação dessa dimensão cidadã, da cidadania, do cidadão dentro do rito social. Foi isso que deu efetivamente condições para que se consolidasse a sociedade global. E junto com essa sociedade global têm outras tantas revoluções que aconteceram. A revolução informacional, a revolução computacional, a revolução digital, que

elas vieram corroborar com essa globalização, com esse processo que já se constituía como intencionalidade do sistema. Desde as grandes navegações no século XV, isso já era alguma coisa pensada como possibilidade concreta de consolidação das hegemonias, da burguesia, no caso. Então, neste momento, a política com a questão da cultura se articula de forma mais consistente. O Estado Nacional e suas relações enquanto reprodutor das demandas dos *grupos hegemônicos de poder*, utilizando aqui o conceito de Gramsci (1999). São os grupos hegemônicos de poder que operacionalizam o processo de tomada de poder no Estado, a partir das suas várias formas. Portanto, o Estado de certa forma é um reflexo das relações de poder instauradas numa dada sociedade. Partimos aqui da idéia de *autonomia relativa do estado* de Foucault (1992), em que o Estado é relativo a uma dada conjuntura, num dado momento histórico. O estado vai estabelecer correlações de força entre esses grupos de poder que consolidará o perfil. Pode ser de um grupo monolítico, ou pode ser de uma grande frente política de vários grupos que se aliam. Então essa relação que vai amalgamar e estruturar toda a sociedade no mundo, e para fazê-lo ela necessita da cultura e da construção das necessidades culturais e de demandas culturais, tanto o vínculo direto entre aquela cultura que é produzida e os interesses subjacentes dos grupos hegemônicos de poder. Isso não quer dizer a inexistência de diversidades. Independente de todo esse processo balizador do desenvolvimento e evolução da sociedade a partir desses grupos de poder, temos *as resistências* em toda a sociedade, os grupos alternativos, os grupos de resistência que se organizam. Essa dialética é fundamental em todo o processo. O homem, em sua evolução teve até hoje essa capacidade crítica de negar e se organizar para negar algumas relações. E isso é fundamental para a evolução da humanidade. É a partir dessas negações que se busca novas sínteses e que a sociedade pode efetivamente evoluir e chegar num patamar superior, num patamar mais avançado. Observamos aqui a dimensão do conflito, das diferenças e a gênese destas diferenças sociais se reproduzem a partir dos espaços simbólicos. As noções de espaço social e espaço simbólico tratadas por Bourdier (1992) são avaliadas à luz da investigação, buscando a ruptura da dicotomia objetivismo/subjetivismo, onde a realidade empírica, as condições objetivas são premissas para a investigação. Portanto o estudo da cultura passa por condições circunstanciadas onde é enunciada uma leitura adequada da análise da relação entre posições sociais, *habitus* e escolhas operadas pelos agentes sociais em diferentes práticas, não prescindindo em nenhum momento a dimensão das classes sociais na reprodução das relações

sociais. O espaço das posições sociais traduz-se assim num espaço de tomadas de posição por meio dos *habitus* – ou disposições, pois a cada classe de posições corresponde uma classe de *habitus*. Como as posições, os *habitus* são operadores de distinções. As diferenças nas próprias práticas, bens possuídos, opiniões, etc., tornam as diferenças simbólicas e constituem-se, elas mesmas, uma verdadeira linguagem. Remete-se nesta análise a dimensão do cotidiano como formador, reproduzidor e alimentador do espaço simbólico.

Temos um segundo ponto que podemos discutir nesse aspecto do desenvolvimento da cultura que é a idéia de tradição e modernidade, que estará ligado a essas diversificações, essas diferenças. Porque as diferenças apresentam várias sobreposições de relações. Eu posso ter um grupo de esquerda que é tradicionalista do Rio Grande do Sul, gaúcho e ao mesmo tempo eu posso ter um grupo de direita que é tradicionalista, gaúcho. Então existe justaposições de ideários e de concepções do mundo, e de ideologias, que constroem um mosaico muito complexo da sociedade, são demandas, são frutos de toda evolução histórica e do comportamento histórico que esse indivíduo reproduziu dentro da sociedade na qual que ele nasceu. Isso vai determinar um mosaico diferenciado. Cada um de nós construirá em suas vidas um percurso ideológico, no qual poderá se acomodar rapidamente, entrar em crise com 30 anos, em crise com 60 anos, em crise com 18 anos. O indivíduo muda de comportamento em várias fases de sua vida. Neste caso entra em questão a dimensão pessoal, subjetiva, da personalidade de cada um, que estará construindo e ritualizando essas relações, e essas relações são transformadas justamente na ação dialógica e ideológica. Quando ouvimos, quando refletimos acerca das coisas, quando lemos, quando escutamos, quando dialogamos. Nesses ritos que se reproduz no correr da vida é que se constroem os roteiros, os percursos de uma existência. A sociedade é muito complexa e mesmo com toda essa complexidade e diferenças, a sociedade como um todo toma um rumo, um norte e é isso que temos que avaliar com seriedade porque muitas vezes essa direção é uma direção que não está favorável a sociedade. Ela não é favorável a sociedade como um todo, não se tem uma consciência mais ampla, é favorável a certos grupos. Essa consciência de classes que Marx conceituou, é uma consciência muito importante, que o indivíduo constrói quando ele tem um aporte crítico, quando ele tem a possibilidade de ouvir criticamente as coisas que lhe são ofertadas. E a perspectiva da crítica ou do pensamento crítico vai estar vinculada a sua formação, a capacidade que o indivíduo terá de relativizar as coisas, perceber que não existem verdades

absolutas, que construímos as verdades a partir dos argumentos e dos fatos, porque os argumentos são construídos a partir dos fatos. Isso possibilitará entender melhor uma situação ou outra e assumir posições.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As ideias apresentadas neste artigo tem a preocupação de introduzir temas e relações possíveis para o estudo de geografia política e cultural. Como sustentação destas ideias partimos de uma avaliação crítica que considera, como dito no artigo, “as condições objetivas de sua reprodução”. Algumas indagações nos vêm à mente sobre o destino de nosso “acervo cultural”. Aonde vai habitar o *Saci Pererê*? Nos parques florestais? Nas plantações de soja? É claro que o processo de desenvolvimento cultural é e sempre foi permeável, e as trocas culturais sempre estiveram presentes entre as comunidades. O isolamento produziu particularidades entre os grupos humanos que hoje já não existe. Temos sim os resíduos de culturas ancestrais que são resignificados na medida que novos valores, práticas e instrumentos aparecem. Existe portanto um quadro complexo de existência da cultura. De um lado o *universalismo* que é o direito legítimo de práticas culturais serem reproduzidas no tempo e no espaço, ou seja, com longa duração e nos mais variados lugares. Todos agradecemos a existência dos românticos boleros que foram e são tocados em todo o mundo. Cabe considerar que o universal proposto pelo capitalismo é de outra ordem, regido pela padronização e estandardização que tem na sua essência um reducionismo empobrecedor. Por outro lado temos o *pluralismo*, agora pensando no universo diversificado de práticas culturais que podem ser extintas, que respondem de formas diferenciadas e criativas, às necessidades de comunidades. Práticas que constantemente estão se extinguindo. Os motivos que levam ao aniquilamento de algumas práticas culturais está relacionado com os processos de produção do espaço. O espaço como valor de uso, de troca e de signo e que tem a conflitualidade como componente formados das relações. Portanto estas relações, são relações de poder e é deste, poder produzir cultura, que a pluralidade se extingue, na medida que esta produção é monopolística e aniquiladora. Um componente fundamental para compreender esta trama é o Estado. A ação do Estado e a conquista de direitos pode mitigar a extinção do plural. Entendendo a cultura como um direito exercido pelo cidadão fundamentado a

partir de um marco regulatório. Assim politiza-se a reprodução da cultura, é claro, a partir da autonomia relativa do Estado. Entretanto, é certo que as resistências culturais estão muitas vezes além das diretrizes do Estado, se perpetuam pela força da comunidade por uma necessidade atávica que não explicamos muito bem.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. & HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento** - fragmentos Filosóficos em <http://antivalor.vilabol.uol.com.br> retirado em 16/06/2013.

BOUDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 3a ed. Org. Sergio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 1992. 367 p.

_____. **O poder simbólico**. Trad. Fernando Iomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. 322 p.

CEVASCO, Maria Elisa. **A cultura da servidão financeira: uma leitura às vexas**. IN: Hegemonia às avessas. São Paulo Ed. Boitempo, 2010. 393 p.

CHAUÍ, Marilena. **Cultura política e política cultural**. São Paulo, Estudos avançados. 9(23), 1995. P. 71-84.

GRAMSCI, A. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1985, 244 p.

_____. **Cadernos do cárcere** – introdução ao estudo da filosofia. A filosofia de Benedito Croce. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1999, 494 p.

FOULCAULT, Michel. **A microfísica do poder**. Rio de Janeiro, Graal. 1992, 295 p.

HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo, Annablume, 2006. 251 p.

POLANYI, Karl. **A grande transformação** – as origens de nossa época. Rio de Janeiro, Campus, 1980, 306 p.

SANTOS, Robson dos. **Sociedade e natureza em Karl Marx**: contribuições para uma sociologia socioambiental. Revista EDUCAmazônia-Educação, Sociedade e Meio Ambiente - ISSN 1983-3423 – Ano 1, Vol I, nº 1, pág. 87-99, jul-dez, 2008.